No Caminho de Reis

Entre Cores e Cantos

No Caminho de Reis

Entre Cores e Cantos

1ª Edição | Varginha - MG

ENCONTRO DE BANDEIRAS

Pena Branca e Xavantinho

Ai, que bandeira é essa, ai
Na porta de sua morada
Aonde mora o calix bento
E a hóstia consagrada

Que encontro tão bonito
Que fizemo aqui agora
Os três reis do Oriente
São José e Nossa Senhora

A bandeira vai se embora
As fitas vão avoando
Se despede do festeiro
Pra vortá no outro ano

Foto: Thiago Bode

"A Folia é um sistema inicial de trocas entre pessoas que configura a própria essência da festa popular no Brasil. Cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela nada mais é do que uma sequência obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo reconhecimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da benção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe da torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessas, votos feitos". Carlos Rodrigues Brandão, 1989:11

Foto: Thiago Bode

MUNICÍPIO DE VARGINHA

Prefeito Municipal
Antônio Silva

Vice-Prefeito Municipal
Vérdi Lúcio Melo

Diretor Superintendente da Fundação Cultural
Francisco Graça de Moura

Presidente do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural
Paula Chaves Cincoetti

Projeto Editorial
Cláudio Henrique Martins
Danielle Guimarães
Rosildo Beltrão

Revisão
Ana Luiza Romanielo

Editoração
Fundação Cultural do Município de Varginha

No Caminho de Reis: entre cores e cantos | Coordenação e diagramação: Arq. Danielle Guimarães | Pesquisas, textos: Cláudio Henrique Martins | Pesquisas: Hian Adler Garcia | Varginha: Fundação Cultural do Município de Varginha, Setembro, 2015.

1. História de Varginha - 2. Folia de Reis - 3. Cultura Popular

Foto: Thiago Bode

APRESENTAÇÃO

A UNESCO define como patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Logo, a Folia de Reis, que em Varginha há mais de cem anos faz parte da história da cidade com seus rituais, músicas religiosas, folclore, cultura popular e que está no imaginário vivo das pessoas, é um patrimônio cultural imaterial digno de ser resgatado e preservado.

É uma tradição anual, pois perto das festividades do Natal e Ano Novo, saem pelas ruas com suas roupas vistosas, com palhaços mascarados (Palhaços, Marungos, ou Bastiões), cantando hinos de louvor, quase num dialeto próprio, visitando casas e narrando o nascimento do menino Jesus.

Em sintonia com a UNESCO e o PNC - Plano Nacional de Cultura, a Fundação Cultural de Varginha, gestora da política pública municipal de cultura, em parceria com o CODEPAC - Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural - e o apoio da Casa da Cultura de Varginha, decidiu mapear, identificar, registrar e publicar este livreto contendo a história, a trajetória, os rituais, as músicas religiosas, as coreografias, os hinos de louvor e os personagens e protagonistas das Folias de Reis de Varginha, tendo como objetivo basilar preservar esta manifestação cultural profundamente identificada com a formação religiosa e a identidade cultural das nossas comunidades.

FRANCISCO GRAÇA DE MOURA
Diretor Superintendente

VARGINHA E SUA HISTÓRIA

Situada no sul de Minas Gerais e próximas as três principais capitais do Brasil, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, a cidade é pólo de desenvolvimento regional e converge inúmeros benefícios por essa localização. Com vocação para o crescimento, há dois séculos, centraliza a atenção pela diversidade nas suas atuações e empreendedorismo, seja pela imigração já no início do século XX, pelo desenvolvimento industrial no final dos anos 1960 e por despontar no século XXI em vários segmentos, entre eles: educação, exportação, agronomia e cultura.

O município de Varginha, bem como grande parte das cidades brasileiras, iniciam as suas primeiras referências e histórias às voltas de uma igreja. E em Varginha também, desde 1763, já existia uma Capela às margens do Rio Verde - a Ermida de Santo Antônio, erguida provavelmente por Bandeirantes. Nessa época, tropeiros a caminho de outras cidades faziam dali seu pouso e depois seguiam pela beira do Rio Verde, através de picadas mata adentro, criando uma estrada rudimentar (que no futuro viria ser a Avenida Rio Branco) e chegavam ao Sertão de Três Pontas. Ali, nesse caminho-tronco, surgiu a primeira Capela do povoado – Divino Espírito Santo e as seis primeiras casas de telhas.

Varginha surgia então ocupando as encostas suaves, fundos de vales e alto dos espigões. No início ainda era apenas uma parada de tropeiros e viajantes, conhecida como Catanduvas. Já por volta de 1806, o arraial tinha mais de mil moradores e dezenas de construções simples, concentradas nas imediações da Capela do Divino Espírito Santo das Catanduvas.

O nome Varginha só iria aparecer de fato a partir do primeiro documento existente em 1816 em um Livro de Casamentos de Lavras: "Aos vinte e seis de janeiro de mil oitocentos e dezesseis na Capela do Espírito Santo da Varginha"...

O período de evolução mais acentuado situa-se entre 1850,quando era freguesia de Varginha, a 1881, quando alcança a categoria de Vila. São construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público, como o prédio de uma escola e da Cadeia. O núcleo possuía cerca de trezentas edificações, algumas de dois pavimentos, que se estendiam pela Avenida Rio Branco, pela Rua da Chapada (Wenceslau Braz), Rua Direita (Presidente Antônio Carlos), Rua São Pedro (Delfim Moreira) e também pelas praças São Sebastião, Largo do Pretório (Praça Dom Pedro II) e Largo da Matriz.

No dia 7 de outubro de 1882, a Vila de Varginha foi elevada a categoria de cidade. Logo após a proclamação da República em 1889, a cidade, já as voltas com a construção de uma linha férrea e uma estação, viu a efetiva inauguração acontecer em 1892, marcando definitivamente o impulso necessário para a cidade entrar no século XX com o transporte de cargas e os avanços construtivos trazidos de diversas localidades pelos engenheiros que chegavam de Maria Fumaça.

De 1900 até a década de 1950, a cidade expandiu ao longo da linha férrea pelo favorecimento do transporte e comunicação. Surgiram bancos, hotéis, residências, comércio de pequeno e grande porte, bem como várias fábricas.

A partir dos anos 1950, a expansão da Rodovia Fernão Dias proporcionou novos contornos. A concentração industrial transfere-se para o extremo sul da cidade, porém não de forma homogênea, espalhando-se também pela área urbana. E no decorrer do final dos anos 1960 em diante, são instaladas novas indústrias significativas para a cidade, atraindo mão de obra e provocando expansão urbana expressiva.

Hoje, Varginha é uma das cidades mais promissoras do Estado, oferecendo infraestrutura em todos os bairros. O sistema de saúde é modelo para o interior do Brasil, destacando o Centro Regional de Oncologia, que beneficia milhares de pessoas.

As festas religiosas mais tradicionais de Varginha são: Queima de Judas, Festa do Divino, Festa do Mártir São Sebastião, Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Folia de Reis.

Av. Rio Branco no início do século xx

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E O TURISMO CULTURAL

Há tempos que o turismo cultural é procurado por pessoas ávidas em conviver ou mesmo observar outros modos de ser e agir, ampliando seus horizontes e conhecimentos.

Mais destinos alternativos estão a cada dia surgindo, incentivando a cultura local e sua gente. A história identitária de um povo, suas nuances, sua crença, seus modos de falar, cantar e vestir são elementos que agregam um patrimônio a ser preservado.

Esses aspectos da cultura humana são atrativos para esse turismo, oferecendo uma maior compreensão dos diferentes povos que nos rodeiam e que, para muitos, passam despercebidos. Sendo assim, a comunidade que vivencia suas tradições e o turista que as percebe e a procura, saem enriquecidos igualmente. De forma planejada, o turismo não apenas torna-se fonte de renda e emprego, mas também mantém a identidade cultural de Varginha, deixando um legado para as outras gerações.

Essa cultura imaterial, a Folia de Reis, precisa de holofotes. Luzes que vão nortear uma tradição secular que é um produto e um patrimônio intangível - as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva, em respeito da sua ancestralidade.

Através de uma política pública de incentivos, podemos manter as nossas tradições culturais e nosso patrimônio, que também passa pela arquitetura e objetos - registros que compõem a sociedade.

A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural:

> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I- as formas de expressão,
> II- os modos de criar, fazer e viver;
> III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados `as manifestações artístico-culturais;
> V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
> § 1º- O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988)

Os primeiros passos em Varginha, para a consolidação e a valorização das Companhias dos Santos Reis estão sendo dados. O Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha e a Fundação Cultural de Varginha, a Gestora da Política Pública Municipal de Cultura, vêm implementando ações importantes para resgatar a identidade e a memória local. Assim, catalogamos as Companhias e registramos como patrimônio cultural da cidade.

Agora faz se oportuno este libreto, no qual pretendemos ampliar os conhecimentos sobre essa cultura popular - a Folia de Reis, suas crenças e ritos.

Reis Magos, Andrea Mantegna (1431-1506)

A ORIGEM MÍTICA DAS COMPANHIAS DE REIS

As Folias contam a história oficial da Igreja Católica à luz da cultura popular tradicional, procurando reproduzir a viagem dos Reis Magos à cidade de Belém, local de nascimento de Jesus. Segundo a tradição cristã, a origem mítica das Companhias de Reis está na Bíblia em, Mateus:

> "E, tendo nascido Jesus em Belém de Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém.
> Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo...
> (...) E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.
> E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho". (MATEUS, 2:1-12)

O Rei Gaspar, que dominava no país dos árabes, Melchior, que reinava sobre os persianos e Baltazar, rei dos indianos, são chamados de "Magos" não porque entendiam de magia, mas porque tinham grande conhecimento da astrologia. De fato, entres os persas, se dizia "mago" aquele que os judeus chamavam "escribas", os gregos "filósofos" e os latinos "sábios".

"Ó di casa, ó di fora
Qui hora tão excelente
É o glorioso santo Reis
Qui é vem do Oriente

Ó de casa, ó de casa
Alegra esse moradô
Que o glorioso santo Reis
Na sua porta chegô..."

FOLIA É UMA ORAÇÃO CANTADA

Folia de Reis, Companhia dos Santos Reis e Reisado são algumas das denominações que o rito popular recebe por toda a parte.

Trata-se de um cortejo religioso que ocorre entre o Natal e a Festa de Reis, no dia 6 de janeiro. É uma homenagem aos Três Reis Magos e a Jesus. A peregrinação dos Reis e a visita que fizeram à gruta são encenadas por jornadas de grupos de ''cantadores'' e violeiros, que caminham de casa em casa, com a bandeira dos Santos Reis, abençoando as famílias e seus presépios. Cantam preces, versam, dançam e rezam quando chegam e então partem das residências.

O símbolo mais importante da Companhia, a bandeira, sempre vai à frente, tratada com muito respeito e fé. Sem ela não há Folia de Reis.

Toda a trajetória é transformada num auto popular, religioso, rico em crenças e ritos próprios. Os músicos se apresentam com roupas comuns ou uniformes. Os marungos usam "fardas" coloridas e máscaras com fitas. O grupo é composto por um número variado de integrantes.

Mesmo que as Companhias tenham suas próprias músicas e danças, o objetivo é sempre saudar o nascimento de Jesus.

AS FOLIAS DE REIS NO BRASIL

Vários historiadores, pesquisadores e folcloristas relatam que a Folia de Reis surgiu na Espanha, no início do século 13 e mais tarde foi levada para Portugal. Acredita-se que o festejo chegou ao Brasil por volta do século 15, através dos Jesuítas. Com o tempo, a Folia ganhou diferentes formas de comemorar o nascimento de Jesus.

A interação e o convívio entre negros e brancos fizeram do festejo um rito popular, reinventando práticas religiosas do continente europeu e africano, que perdura até nossos dias.

Os milagres atribuídos aos Santos Reis, narrados pelas pessoas, se espalharam por todo país. Os devotos cumprem promessas, realizam festas, cortejos, ofertas e banquetes em sua honra.

Assim, a tradição das Folias de Reis firmou-se, reunindo a música e os versos declamados com as formas de pensar, ser e interpretar a vida.

Os valores que as comunidades prezam, como a união entre as pessoas, a adoração ao divino, a comemoração através de festas e os encontros anuais são características marcantes do povo brasileiro, que reforçam a continuidade da comemoração dos Santos Reis.

"Deus te sarve oratóro
Cum todo seus ornamento
Deus te sarve as estampinha
E as image qu'estão dentro

Deus te sarve as image
As pequena e as maió
Numa rica divindade
Sincerra em uma só..."

Foto: Thiago Bode

AS FOLIAS DE REIS EM VARGINHA

A tradição das Companhias de Santos Reis em Varginha tem como primeiras referências, segundo a oralidade, um século de existência. Começou, provavelmente, na zona rural.

A Folia de Reis é a festa mais tradicional na cidade, dentre as manifestações folclóricas da cultura popular. Seguem os mesmos ritos, datas e preceitos que deram origem à festa. Porém, cada uma se distingue por sair de modo peculiar nas ruas da cidade, diferenciando-se através das vestimentas, utilização de instrumentos musicais não usuais, cantos e versos próprios e, até mesmo, a condução do giro feita por cada mestre. As Companhias de Varginha também variam na quantidade de marungos. Segundo a tradição, o número ideal para a representação da festa seria de três marungos, simbolizando os Três Reis Magos ou até cinco, acrescentando assim, dois soldados enviados pelo Rei Herodes para matar Jesus.

É notável a participação de muitas crianças e adolescentes nas Companhias da cidade. Desde muito cedo são levadas, pela influência das próprias famílias, para saírem no cortejo, geralmente vestidas de marungo. A transmissão dos costumes e ensinamentos sobre os festejos, a religiosidade e os papéis que cada integrante tem na Folia de Reis é passado de geração em geração.

Em Varginha, não há restrições quanto à participação de mulheres nas Companhias, mas, no início, era um universo restrito aos homens. Alegava-se que os Reis Magos não levaram suas esposas e também que nenhuma mulher visitou o presépio. Com o tempo essas justificativas caíram por terra. Observa-se um número considerável de mulheres que participam das Companhias e que desempenham papéis como embaixadora, bandeireira, cantora e instrumentista.

Durante todos os anos de existência das Folias de Reis na cidade, várias pessoas lutaram para a preservação e organização das Companhias. A Fundação Cultural de Varginha também sempre as apoiou, com ajuda financeira e logística.

No município, 15 Companhias atuantes durante os festejos natalinos até o dia de Reis percorrem a cidade: Companhia São Lázaro, São Joaquim, Nossa Senhora do Rosário, Rei do Reis, São Jorge, São João Batista, Imaculada Mãe dos Anjos, São Marcos, Cardoso e Amigos, Nossa Senhora do Carmo, São Benedito, Sagrada Família, Família Assis, Lenço Preto e Senhor Vitor Paulo e Amigos.

Cada Folia de Reis, por sua vez, possui uma história diferente, que as caracterizam e as tornam únicas, porém sempre envoltas por milagres, fé, memória e beleza.

Um grande encontro das Companhias de Santos Reis é realizado após o dia seis de janeiro, com uma missa na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo e apresentações na Concha Acústica que reúnem milhares de pessoas.

OS COMPONENTES DA COMPANHIA

A Folia de Reis é composta por uma estrutura que pode variar. Na maioria das vezes, conta com um embaixador, também chamado de mestre, capitão, folião de guia, etc. Este é o responsável pela coordenação e pela obediência de todos às regras e procedimentos necessários à tradição. Ele é quem dá o verso que será respondido por seu contramestre (ou contraguia, entre outros nomes), completando os dizeres já conhecidos e muitas vezes improvisados, de acordo com as situações encontradas pelo grupo na visita a uma casa. Além deles, fazem parte da Companhia figuras essenciais como o alferes (ou porta - bandeira, bandeireiro, estandarte, etc.), encarregado de levar a bandeira dos Reis.

A bandeira tem imagens como os Santos Reis, a estrela de Belém e cenas do nascimento de Jesus e é um símbolo do grupo, elemento sagrado, merecedor de grande respeito. Nela a comunidade pendura fitas, flores, dinheiro e fotos em agradecimento às graças recebidas e demonstram toda a emoção de receber a bandeira em sua casa, enquanto os foliões cantam em frente ao presépio ali instalado. É ela quem guia e identifica a Companhia de Santos Reis, representando o Sagrado.

Muitas Companhias contam com o "bastião" ou ainda marungo, figura de um mascarado que pode ter variação numérica e de gênero. Ele tem ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a Folia. Todavia, em algumas regiões do país, não se tem o costume da presença deste personagem.

Além desses componentes, uma Companhia é formada pelos foliões, que são os devotos que tocam diversos instrumentos como viola, violão, rabeca, cavaquinho, bandolim, sanfona, caixa, pandeiro e percussões diversas.

Os foliões, além de tocar um instrumento, também cantam, auxiliando o embaixador e o contramestre em vozes que recebem diversas denominações. O embaixador inicia (puxa) os dois primeiros versos da quadra, respondidos pelo contramestre, cantando em dueto. A seguir as demais vozes que recebem várias denominações, acompanham formando o coro, repetindo todo o texto ou os finais de frase.

Assim como a composição instrumental das Folias é diversa, a composição vocal dos grupos também não é fixa. Por exemplo, um mesmo folião poderá cantar em diferentes vozes conforme a necessidade do grupo e, da mesma forma, mais de um folião poderá executar uma determinada voz. Uma Folia poderá ser cantada por quatro, cinco, seis ou mais foliões. O nome atribuído às vozes na Folia de Reis varia de região para região e por vezes em grupos da mesma região.

(Texto extraído e adaptado: MARCHI, Lia. CAMARGO, Gilson. Folias Do Norte Do Paraná. Curitiba, 2012.)

Bandeira

É o símbolo de maior respeito do grupo. Ela vai à frente da Companhia como guia. Esta é bordada ou pintada com as imagens dos Três Reis Magos, Jesus, Maria e José e reproduz o presépio. É enfeitada com fitas de cetim coloridas, flores e outros materiais brilhantes. Muitos a beijam e se emocionam quando a recebem em casa, pedindo bençãos e proteção.

As cores das fitas são assim simbolizadas: amarelo - o ouro, a realeza; verde – a mirra, o sofrimento de Jesus; vermelho - o incenso, o fogo; azul - o céu, a Virgem Maria; branco - a paz, o Menino Jesus; rosa - o amor e a paciência, o São José; Preto - o luto, somente é colocado na bandeira quando algum folião falece.

Bastião

O bastião, palhaço ou marungo, que usa roupas coloridas, máscara e carrega uma "espada" (bastão) é o responsável por abrir passagem para a Folia, recita poesias e cita passagens da Bíblia.

Figura importante na embaixada, tem grande ligação com a bandeira e com o cumprimento das promessas, improvisando versos, danças (corta-jaca) e prestando reverências aos donos das casas pelas quais passa a Folia.

Segundo a crença, os marungos usavam máscaras para se esconderem e amedrontar os soldados enviados pelo rei Herodes para matar o Menino Jesus. Foi daí que surgiu, nas Folias, a ideia de que as máscaras servem para espantar os maus espíritos. Os bastiões devem proteger o Menino Deus e confundir os soldados do rei. Despertam a curiosidade das pessoas e são responsáveis pela proteção da bandeira e da folia.

Nota: O termo bastião é derivado do bastão que carrega com ele.

"Chegando com os Três Reis
Avistei uma família a festejar
Eu pergunto pro senhor
Se desta festa nóis pode participar

Dando prova que é um bom devoto
Veja só o que ele fez
Enfeitou o portão sagrado
Esperando os Santos Reis..."

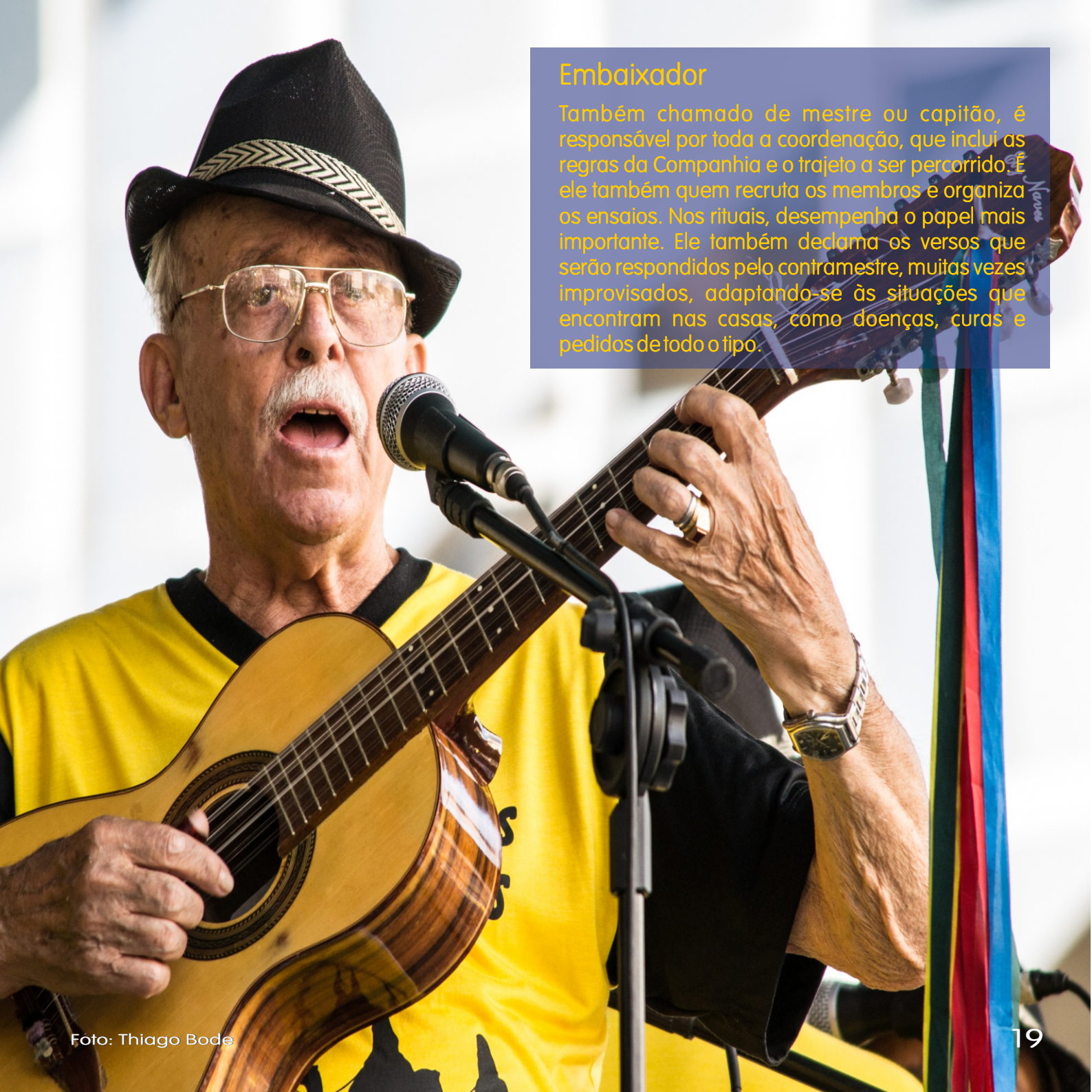
Companhia de Reis São Marcos

Foto: Thiago Bode

Alferes

Personagem essencial no grupo, é encarregado de levar a bandeira, elemento sagrado que tem as imagens dos Santos Reis e cenas do nascimento de Jesus. O alferes recolhe as oferendas nas casas e informa ao capitão sobre o que receberam e assim, canta em agradecimento.

Foto: Thiago Bode



Embaixador

Também chamado de mestre ou capitão, é responsável por toda a coordenação, que inclui as regras da Companhia e o trajeto a ser percorrido. É ele também quem recruta os membros e organiza os ensaios. Nos rituais, desempenha o papel mais importante. Ele também declama os versos que serão respondidos pelo contramestre, muitas vezes improvisados, adaptando-se às situações que encontram nas casas, como doenças, curas e pedidos de todo o tipo.

Foto: Thiago Bode

Foliões

Os foliões cantam a história da anunciação de Maria, o nascimento de Jesus, a viagem dos Três Reis Magos e pedem donativos para a realização de um "almoço", em homenagem aos Santos Reis.

Os músicos são divididos em cantores e instrumentistas ou os dois ao mesmo tempo. O maior número de foliões dentro de um grupo desempenha essa função.

Auxiliam o embaixador fazendo diversas vozes, que recebem denominações tais como: contralto, requinta, talinha, tiple, contratiple e baixo. A cantoria é a oração da folia.

É na casa dos devotos que eles fazem a festa representando o que os magos fizeram: a procura, o encontro e a adoração ao Menino Jesus, reverenciando igualmente os episódios da ocasião de seu nascimento.

Foto: Thiago Bode

Festeiro

Personagem que aparece em muitas festas populares, é responsável por coordenar a realização da festa, de suprir necessidades do grupo e dar apoio ao bom andamento do giro. Não raro, é uma pessoa que fez promessa de empreender essa tarefa em agradecimento a uma graça recebida. Em geral, escolhe-se o festeiro um ano antes, muitas vezes por sorteio entre os candidatos.

Foto: Cia. Rei dos Reis

Segundo a crença, em agradecimento à visita ao Menino Jesus, os Santos Reis receberam de presente da Virgem Maria um manto. Quando se afastaram, já na viagem de retorno ao Oriente, abriram o manto e viram nele a cena da visitação bordada com os Santos Reis, a Sagrada Família, os animais e os pastores. Então, fizeram do manto uma bandeira e formaram a primeira Companhia de Reis, anunciando ao mundo o nascimento de Jesus.

Foto: Cia Cardoso e amigos

OS RITUAIS

Geralmente, os rituais seguem um padrão. Os componentes chegam às casas cantando; versam pedindo licença para entrar; abençoam a todos os presentes; cantam perante o presépio; fazem trovas, se adequando às necessidades da família; rezam, pedem uma oferta ou uma prenda; se alimentam; agradecem a hospedagem; dançam na saída e dão continuidade ao giro.

A bandeira é recebida pelos moradores e, como símbolo de devoção, é levada para o cômodo mais importante da casa, geralmente o quarto do casal, que representa a união e a família. Os marungos, a pedido do morador, dançam em troca de ofertas, fazem rimas e divertem as pessoas na casa, que oferecem um café com quitutes ou uma refeição.

Na saída da folia, os foliões cantam versos que falam sobre o retorno da Companhia no ano que vem e seguem pelas ruas e bairros da cidade, visitando todos que abrem suas portas para os Santos Reis entrarem.

Bendito louvado seja
São José e Santa Maria
Deus Menino e os três Reis
E a linda Estrela Guia

Ofereço a Santos Reis
Nossa Santa Oração
Tenha dó de nós devotos
Mande do Céu a bênção

Em nome de Santos Reis
Agradeço ao Capelão
Por rezar o Santa Missa (terço)
Com bastante devoção

A todos que aqui oraram
Aos três Reis do Oriente
A bandeira deixa sorte
E saúde de presente

Alvorada ou saída da Folia

Diz-se alvorar a bandeira, abrí-la, iniciar a jornada de um ano, começar o giro. É o primeiro rito da caminhada.

Os foliões reúnem - se na casa do capitão ou do festeiro e retiram a bandeira, que fica guardada em local especial, geralmente sob os cuidados do capitão. Em alguns grupos este momento é bastante ritualizado. Em outros, apenas precedido de uma oração silenciosa do capitão.

Foto: Thiago Bode

Foto: Cia. São Lenço Preto

Giro

É a caminhada, o percurso, a jornada que o grupo faz na época. A missão da Folia de Reis é cumprir a jornada de tal forma que comece pelo Leste (Oriente) e finda no Oeste (Belém), representando a viagem dos Reis Magos.

Em tempos passados, as folias costumavam caminhar de noite, representando no giro a viagem dos Três Reis. Ao longo desse período, pousavam nas casas do caminho. Assim, o grupo permanecia junto durante todo o tempo em que a folia girava.

Presépio

Tradição em vários países, representa, através de peças em miniatura, o nascimento de Jesus e os personagens bíblicos que estavam no local. Entre eles, os Três Reis Magos. Acredita-se que o primeiro presépio foi montado por São Francisco de Assis no Natal de 1223.

Bendito de mesa

Muitas famílias costumam fazer a promessa de oferecer o almoço ou o jantar aos foliões. Quando se trata de um almoço para toda a Companhia, é servida a típica comida mineira. Vizinhos e a família que recebem o grupo preparam a comida na véspera, finalizando até a hora de servir. Por sua vez, os foliões costumam cantar e rezar agradecendo a comida que, durante o giro do grupo, é oferecida pelos donos das casas visitadas. O bendito de mesa, cantado pelo grupo é uma bênção dos alimentos.

Foto: Cia. São Joaquim

Instrumentos musicais

Os mais comuns utilizados pelos foliões são: caixas, sanfona ou acordeon, violas, violões e pandeiros. Os instrumentos de corda são afinados em sol maior. A viola e violões podem ser enfeitados com fitas coloridas e cada cor tem um simbolismo: amarela e azul - a Virgem Maria, a rosa - os Doze Apóstolos de Cristo e a branca - o Divino Espírito Santo.

Foto: Thiago Bode

Corta - Jaca

O corta - jaca é uma dança individual, ginástica e solta, de origem discutida. Para alguns procede da Espanha, enquanto outros a consideram criação brasileira.

É caracterizado pela movimentação dos pés, sempre muito juntos e quase sem flexão das pernas. Estes, movimentam - se como uma navalha, passando continuadamente sobre um assentador de barbeiro, como no corte da jaca, dando a impressão de deslizar, embora se consiga ouvir bem o sapateado, que marca a melodia simultaneamente, com o ponteio das violas.

"É rápida e difícil, exigindo perícia e esforço do dançador. O movimento dos braços no corta – jaca não tem nenhuma função específica, além de manter o equilíbrio é uma dança toda calcada no movimento dos pés." (CASCUDO, 2000)

Os bastiões dançam todos agitados, dançam como se estivessem fazendo malabarismo às vezes.

Foto: Thiago Bode

Foto: Cia. São Joaquim

Canções

As canções na Folia de Reis são sempre sobre temas religiosos, com exceção daquelas tocadas nas tradicionais paradas para jantares, almoços ou repouso dos foliões. As cantorias são a base dos rituais. Todos os foliões, exceto o alferes e o bastião, desempenham funções musicais. Em geral, são sete o número de vozes que entoam os cânticos. O coro segue à risca a toada de preferência do capitão que começa tirando os versos a partir de um repertório que, muitas vezes, pode ser improvisado.

A poesia popular e a rima estão presentes nos versos das Folia de Reis e, através destes, fortalecem as relações pessoais, expressam devoção e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos, com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde. Durante o ritual sagrado os versos são cantados em toada para atender as necessidades dos participantes e refletir a realidade das famílias que o grupo ou Companhia visita.

Os versos narram momentos específicos da jornada sagrada, atendendo a pedidos de ordem religiosa, tal como tirar uma bandeira de uma residência durante a visita, a chegada da Folia de Reis ou chegada da bandeira em outra residência, o nascimento de Jesus e outras saudações a temas religiosos.

Referências à Bíblia, principalmente ao Livro de Mateus e Lucas (visita dos Reis Magos e Nascimento de Jesus) são freqüentemente encontradas nos versos da Companhia de Reis.

Foto: Thiago Bode

Saudando o presépio

Nós saudamos seu presépio
Que Jesus Cristo nasceu
Também saúdo os Três Reis Santos
Enviados por Deus

Saúdo Maria, José
A estrela clareou
Também saúdo os Três Reis Santos
Que o menino presenteou

Saúdo a vaca e o carneirinho
E o galo que foi anunciado
Fazem parte do presépio
Que por Deus foi abençoado.

Foto: Thiago Bode

Indumentária

Os foliões aparecem vestindo uniformes, mas de forma geral podem usar roupa comum, e podem portar um lenço branco em volta do pescoço, que simboliza a pureza da Sagrada Família. Os componentes da Folia enfeitam os instrumentos com fitas e flores, cujas flores têm sua simbologia. A bandeira é igualmente enfeitada com fitas e flores, além de imagens de santos e palavras, como o nome da companhia a qual pertence. A vestimenta dos bastiões é a mais peculiar, utilizando bastante tecido para evidenciar o movimento da pessoa que está usando e contribuir para o desenvolvimento da "performance". Alguns, ainda, levam nas mãos um bastão ou uma espada de madeira. Geralmente utilizam macacões ou calça e blusa com tecidos estampados como a chita, ou brilhantes, como cetim. As máscaras que os marungos usam podem ser feitas de couro, papel, tecido, fitas e flores. Essas máscaras podem ser completadas com um chapéu em formato de cone.

Segundo a crença, os soldados do Rei Herodes seguiram os Reis Magos para encontrar o Menino Jesus e matá-lo. Porém, ao encontrarem Jesus foram convertidos. Com receio de serem mortos por Herodes, vestiam máscaras e viajavam com os Santos Reis. Iam à frente, fazendo graça para que Herodes não desconfiasse que eram seus próprios soldados.

Chegada

A festa da chegada marca o retorno da bandeira, após o fim do giro. Ela poderá acontecer em lugares como a casa do festeiro, do embaixador, na igreja, entre outros. Comemoração e ritual, festa e fé misturam-se neste momento que encerrará a bandeira até o próximo ano.

Foto: Marcos José Garcia

Companhia de Reis São Marcos

Criada na Vila Barcelona, foi fundada por Marcos José Garcia em 2001 e tem 25 integrantes. O senhor Marcos nos relata que dá muito trabalho para a Cia. sair todos os anos, mas luta para que ela sempre esteja "caprichada", investindo seu próprio dinheiro na Cia., comprando acordoamento, roupas e acessórios.

"Primeiro lugar, eu comecei a vestir de marungo quando tinha uns treze, quatorze anos por aí... vesti de marungo mais de quarenta e seis anos... Pra depois ter essa Companhia de Reis tão bonita, tão bela, tão perfeita com estes bastião bão que eu tenho, com estes companheiros que cantam bonito... que entende e sabe o que tá fazendo. É... que a minha alegria e a minha felicidade que levo, dividindo com todo o povo do mundo, de... Varginha... Às vezes, nóis sai pra roça, vai pra outra cidadinha por aí... Mais é uma coisa que eu gosto, faço de coração! Eu luto pra isso! Cê tá me entendo? Quanto mais melhor eu fazer pra minha Companhia, eu vou procurar fazer. Isso aqui é uma fortuna que nós temos em nossa mão, em nosso poder... você viajar, entrar na casa dumas pessoa, cantar, adorar o menino Jesus, respeitar uma pessoa, amar uma pessoa.... Por isso, não pode acabar! Nós temos que lutar!" Marcos José Garcia

Foto: Lázara das Graças da Silva

Companhia de Reis São Lázaro

A Companhia foi fundada no final dos anos 1980, é a única com uma mulher como embaixadora. Dona Lázara das Graças da Silva, 70 anos de idade, acompanha as Folias de Varginha desde os 14 anos quando cantava na "Companhia do Zé Pintinho" e diz ter aprendido tudo com sua família.

O motivo pelo qual resolveu fundar sua própria Companhia foi uma doença grave que comprometeu a saúde de seu marido, que chegou a ser desenganado pelos médicos que haviam dito que ele não iria mais andar. Dona Lázara, em nome da saúde do marido, pediu aos milagrosos Santos Reis que se ele voltasse a andar, ela colocaria uma Companhia nas ruas, mesmo que fosse com somente 3 pessoas e que, após 7 anos de atuação, levaria a bandeira, o símbolo maior da Companhia e da fé, ao santuário de Aparecida do Norte. E assim ela o fez. Passado alguns meses, seu marido se pôs de pé e não só voltou a caminhar, como acompanhou sua esposa em suas andanças durante os festejos de Reis. A Companhia conta com cerca de 30 integrantes, sendo que muito deles são membros da família. Dona Lázara disse que não pretende se aposentar nunca deste ofício de fé, conta que "enquanto os Santos Reis me der vida e saúde vou seguir pelas ruas de Varginha com a Companhia levando alegria e as boas novas sobre o Deus Menino".

Foto: Cia. São Lenço Preto

Companhia de Reis Lenço Preto

O fundador foi João Dominguete, cantor sertanejo que se apresentava nos programas da Rádio Clube de Varginha, com o apelido de "Lenço Preto", por usar um lenço no pescoço. A Companhia começou por volta dos anos 1950, na Fazenda da Serra. O senhor João passou a Cia para seu filho Antônio Evangelista Dominguete e o atual representante é Fábio Dominguete, que iniciou na Folia aos 12 anos. Hoje a Cia. possui 32 integrantes.

O contramestre Verlani Dominguete conta que, tempos atrás, os encontros entre duas companhias eram resolvidos através de duelos de cantoria e quem versava melhor.

Quanto às graças em honra aos Santos Reis, relatam também que, certa vez, cantando numa casa perto da Padaria Alemã, havia uma menina de 9 anos paralítica. Um dia, quando a bandeira adentrou essa casa e a menina a beijou, passou a andar.

Foto: Cia. São Benedito

Companhia de Reis São Benedito

O senhor André Cândido foi o fundador, nos anos 1990, depois Afrânio Vazi, sanfoneiro assumiu. São 35 integrantes que percorrem a Vila Barcelona, Sion, São Sebastião, Cidade Nova, Vargem, Vila Moraes, São Geraldo e Bairro de Fátima.

Também se apresentam nas cidades de Monsenhor Paulo, Três Corações, Elói Mendes, Três Pontas e Paraguaçu. E sempre vão também para Aparecida do Norte para agradecer à Nossa Senhora Aparecida.

O senhor Domingos Donagema relatou que já presenciou várias graças alcançadas. Entre elas, uma senhora doente, que logo pós receber a Cia. em sua casa sarou de sua enfermidade. Professava uma outra religião que não era a católica e voltou para a igreja após receber a graça dos Santos Três Reis Magos.

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis Cardoso e Amigos

Segundo seu mestre ou capitão, Antônio Maria Neto, há oitenta e cinco anos sua Folia percorre as ruas da cidade encenando a jornada do Santos Reis. Sua fundação se deu em meados de 1930, com Arlindo Cardoso. Por volta de 1950, o comando foi passado a Mário Pederiva, seu genro. Depois o cargo de chefe foi delegado a José Cardoso Braga, sobrinho do fundador. A fé de José Cardoso era tão grande, que uma de suas filhas, que nasceu em 06 de janeiro, em homenagem aos Santos Reis, foi batizada com o nome de Maria Reis. Após seu falecimento, Domingo Matias passa a ser o novo mestre até, mais tarde, chegar ao atual capitão Antônio Maria Neto, hoje com 79 anos de idade. Ele conta que assumiu o cargo da "Cardoso e Amigos" no ano de 2004, mas antes fez parte da Companhia " Lenço Preto" durante quatro anos. Seu Antônio acompanha há trinta e seis anos as Folias de Reis da cidade. A Folia possui aproximadamente cerca de 40 a 45 integrantes no grupo, sendo dois embaixadores e vinte e cinco cantores. Diz seu Antônio que, a pedido das pessoas da comunidade, muitas crianças acompanham sua Folia, mas sempre sob os cuidados de um responsável.

O trajeto realizado pela Companhia "Cardoso e Amigos" compreende os bairros, Padre Vitor, Jardim Andere, Jardim Corcetti e Barcelona, iniciando às 11 horas da manhã e finalizando às 22 horas. A peregrinação da Companhia se encerra com a "chegada do giro", para recomeçar no próximo ano.

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis São João Batista

O primeiro capitão da Companhia foi Armando Grande. Atualmente, é o senhor João Batista Fortunado que a recebeu quando tinha 15 anos, devido a uma promessa. Ele conta que teve sua vida restaurada pelos anos de giro, nos quais representa com muita fé e amor a viagem que os Três Reis Magos realizaram ao encontro do Menino Jesus. Ele ocupa o posto de capitão e embaixador há 20 anos.

A Companhia possui entre 25 a 30 integrantes, sendo 2 embaixadores e 9 pessoas no canto, além de 35 marungos. As músicas abrangem vários ritmos e são feitas de improviso. As orações dirigidas aos presépios devem ser improvisadas, segundo o senhor João "Nenhum verso pode ser de ontem ou da hora em que levantou. Todo o canto precisa ser criado a partir do momento em que a Companhia entra na casa e os versos são improvisados de acordo com a situação e a pessoa a quem são endereçados".

A Companhia São João Batista faz a chegada dos trajetos percorridos com festa de encerramento, acompanhada de missa, que ocorre sempre no primeiro final de semana após o dia 06 de janeiro. O percurso realizado pela Cia. compreende os bairros Bom Pastor, Barcelona, Vargem, Jardim das Oliveiras, Damasco, Carvalhos, Cidade Nova, São Sebastião e Parque Viana.

Foto: Vitor Lúcio da Silva

Companhia de Reis Imaculada Mãe dos Anjos

A Companhia começou sua trajetória com a família Ferreira por iniciativa do senhor Adelino Alves Ferreira, que residia entre Três Pontas e Varginha na fazenda "7 Cachoeiras", por volta dos anos 1916. A Companhia completa, assim, 100 anos de existência em 2016.

Vitor Lúcio da Silva, que há 37 anos acompanha a Companhia, conta que a recebeu de seu tio Sebastião Alves Ferreira, que já em 1978 saía do Bairro Santa Teresinha.

Relatou que vários milagres ocorreram por devoção aos Santos Reis. Ele conta que sua esposa, Rita Ferreira, estava com câncer de mama, fez uma novena e logo ficou curada.

A Folia conta com 35 componentes. Entre eles, os marungos, guardiões da bandeira, têm a função de pedir licença para entrar nas casas. "O embaixador faz a função de um dos Três Reis Magos e, caso haja na família alguém doente, rezam para a cura do enfermo".

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis Nossa Senhora do Rosário

A Companhia foi fundada há 32 anos por Armando Cassimiro e Sebastião Eduardo, começando sua trajetória com 12 componentes. Segundo o capitão Sebastião Eduardo, de 66 anos, no início houve muita dificuldade, devido à alimentação, que era escassa para todo o pessoal. Atualmente a Companhia é composta por mais ou menos 30 marungos e, dentre estes, são permitidos somente de três a cinco para saudar os presépios nas casas de devotos. O senhor Eduardo não permite mudanças na tradição. Segundo ele : "vira carnaval e Folia não é isto. Folia é uma religião, uma emoção muito grande representar os Três Reis Magos".

Antes de saírem pelas ruas da cidade, a bandeira é levada à igreja e depois iniciam as caminhadas levando-a às casas da pessoas que a desejam . Segundo o mestre Eduardo, a bandeira deve ser carregada por uma mulher, pois passa mais segurança e confiança para as pessoas das casas e assim fica mais fácil a entrada dos foliões nos lares, uma vez que, as pessoas querem os receber e possuem muita fé, mas ficam receosos por não conhecer, por não saber o quão são honestos e verdadeiros em sua fé e em sua vontade de ajudar o próximo. A jornada desta Companhia segue pelos bairros Barcelona, Vargem, Parque Rinaldo, São Sebastião, Carvalho, Vila Elói Mendes, Areão (Fátima), Canaã, Santana, Sión, Bela Vista, São Geraldo, São Francisco, Padre Victor, Três Bicas, Vila Floresta e Vila Murad.

Foto: Thiago Bode

Companhia Rei dos Reis

Fundada pelo senhor José Pinto de Carvalho no final dos anos 1930, a Companhia surgiu na Vila Murad. Após o falecimento do senhor José, sua filha Balbina Jessé de Carvalho assumiu o comando por alguns anos. Depois, passou para José de Carvalho Filho. Para ele, a Folia de Reis significa uma fé muito grande, coragem, raça e que ainda há uma certa discriminação a ser vencida. Ele conta que várias graças são alcançadas pelas famílias que a Companhia visita. Relata também o caso de sua filha Maira, que não conseguia engravidar, até que um dia, carregando a bandeira, pediu com fé essa graça aos Três Reis Magos, engravidando pouco tempo depois.

A Companhia, com 30 participantes, percorre os bairros Centenário, Sion, São Francisco, São Sebastião e Vila Barcelona, visitando cerca de 50 casas por dia. Os almoços costumam acontecer numa casa da Vila Floresta, oferecidos por famílias que receberam a Cia.

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis Sagrada Família

O senhor Valdir Vitor Ferreira, atual responsável da Companhia, recebeu a incumbência através de seu pai. Segundo ele, a Cia vem dos tempos de seus bisávós.

Nos dia 28 e 29 de dezembro se apresentam no município de Coqueiral e a partir do dia 1º de janeiro em Varginha.

Com 20 componentes, saem da Fazenda Pitangueira na zona rural e depois percorrem vários bairros de Varginha, entre eles, Bom Pastor, São Geraldo e Mont Serrat.

Dentre as graças que tiveram conhecimento pela devoção, o senhor Valdir relata que sua esposa Maria Aparecida teve sérios problemas em seu parto e seu filho não sobreviveria. Rezaram para os Santos Reis e seu filho nasceu. Hoje o menino, que recebeu o nome de Baltazar em homenagem a um dos três Reis, já está com 14 anos.

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis Família Assis

Com 22 componentes foi fundada pela família do senhor Sérgio Assis nos anos 1985, no bairro Sion. Percorrem as ruas da Vila Barcelona, Centenário, São Francisco, Damasco, Bom Pastor e São Geraldo. Geralmente se apresentam também na zona rural, no Sítio Pica Pau e lá sempre almoçam com a família do local. Mas não têm regras, caso alguém faça promessa para os Santos Reis, a Companhia também aceita o almoço e canta para os devotos. O senhor Sérgio disse que as famílias ficam emocionadas com a presença da Cia. e até choram de alegria.

Foto: Thiago Bode

Companhia de Reis São Joaquim

Foi fundada em 2005 por João Luiz do Espírito Santo, que é também embaixador. Ele fazia parte de outro grupo quando resolveu ter a sua própria Companhia, com a ajuda de amigos. Entre os bairros que percorrem estão: São Geraldo, Corcetti, Mont Serrat, Barcelona, Jardim Áurea e Padre Vitor.

Quando fazem o giro, almoçam a cada dia em uma casa, porém, são as mesmas todo o ano. "Servem arroz, feijão, macarronada, farofa e carne, sempre acompanhados de refrigerante ou vinho".

A Companhia tem vários jogos de camisas com cores diferentes. Saem com camisas azuis, roxas, mostarda ou lilás, que o presidente manda fazer com costureiras conhecidas. Nesses anos de saída, puderam ouvir várias histórias de graças recebidas em honra aos Santos Reis.

Foto: Cia São Jorge

Companhia de Reis São Jorge

A Companhia foi fundada em 1996 por Jorge Pereira, que também é o embaixador e conta com 25 componentes. Percorrem os bairros Canaã, Vila Bueno, Fátima e Sion, entre outros. Durante o giro, várias famílias os recebem para o almoço, sendo cada dia em uma casa.

O senhor Jorge diz ter notícias de várias graças recebidas pelas famílias que visitam. Ele mesmo relata que foi desenganado pelos médicos com um grave problema no intestino e acredita que seus pedidos aos Santos Reis o curaram para sempre.

Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo

Foi fundada no ano de 1999 por Luiz Antônio de Souza de 52 anos. Aos 7 anos de idade já acompanhava os festejos realizados em homenagem ao nascimento do Menino Jesus.

A Companhia de Reis Nossa Senhora do Carmo conta com 15 integrantes, sendo 5 marungos, 1 bandeireiro, 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 embaixador, aproximadamente 5 mulheres no canto e 1 sanfoneiro.

Os instrumentos utilizados pelos foliões incluem, além da sanfona, viola, violões, pandeiro, triângulo, cavaco, chocalho e caixa. Os cantos são todos elaborados pelo embaixador, que os improvisa na hora. Os componentes da Companhia não cobram para cantar nas residências, pois sua motivação é exclusivamente religiosa.

Já os marungos costumam "cortar jaca" a pedido dos proprietários das casas visitadas, alegrando a celebração com danças, em troca de ofertas. Diante do presépio os marungos devem se ajoelhar tal qual fizeram os Três Reis Magos, manifestando assim respeito e devoção.

O percurso traçado pela Cia. Nossa Senhora do Carmo compreende os bairros: Jardim Corcetti, Jardim Área, Carvalhos e Fátima, entre os dias 25 de dezembro a 06 de janeiro.

Companhia de Reis Vitor Paulo e Amigos

Rafael de Souza Martins é o fundador da Companhia, que têm dois anos de existência. São 12 componentes que percorrem os bairros Mont Serrat, Corredor São José, Corceti, Carvalhos, Barcelona, Pinheiros e São Geraldo.

O fundador sempre acompanhou as Folias de Reis e, mesmo a sua Companhia sendo tão nova, recebe o carinho de todos que visitam.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
BARROS, Artur César Ferreira de. Carmem Luiza de Rezende. Companhias de Reis de Ribeirão Preto: relatos de devoção e fé. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore. São Paulo, Brasiliense, 1984.
CALAFIORI, Luiz Ferreira. SOUZA, Jayme Antônio De. Manual de Folia de Reis. São Paulo: Editora Resenha, 1993.
CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Editora Italiana,1984.
MARCHI, Lia. CAMARGO, Gilson. Folias Do Norte Do Paraná. Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação; Brasília,DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012.
MESQUITA, Adriana Alice de Andrade. Companhias e Folias: As Festas de Reis No Município de Três Pontas. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Upload/Biblioteca/0000133.pdf. [Acesso em: 30/06/15]
NERY, Marie Louise. A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurinos. Rio de Janeiro: Editira Senac Nacional, 2003.
NERY, Vanda Cunha Albieri. Folias e Festas de Reis: o mundo ritualístico dos cantadores da fé. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147775184718077013419135724310489775 5722.pdf. [Acesso em: 10/07/15].
PERGO, Vera Lucia. Os Rituais Na Folia De Reis: Uma Das Festas Populares Brasileiras. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf. [Acesso em: 30/06/15].
SALES, José Roberto. Espirito Santo da Varginha 1763 – 1920. Varginha: Gráfica Editora Sul Mineira, 2003.
SILVA, Maria Luiza dos Santos. A Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular. Disponível em: http://www. Tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=222. [Acesso em: 30/06/15]

FONTES ORAIS

Antônio Maria Neto/ Cia. de Reis Cardoso e Amigos
Domingos Donagema/ Cia. de Reis São Benedito
Fábio Dominguete/ Cia. de Reis Lenço Preto
João Batista Fortunato/ Cia. de Reis São João Batista
Jorge Pereira/ Cia. de Reis São Jorge
José Pinto de Carvalho Filho/ Cia. Rei dos Reis
José Ramos Modesto/ Cia. de Reis Cardoso e Amigos
Lázara das Graças da Silva/ Cia. de Reis São Lázaro.
Luiz Antônio de Souza./ Cia. de Reis Nossa Senhora do Carmo
Marcos José Garcia/ Cia. de Reis São Marcos
Rafael de Sousa Martins/ Cia. de Reis Senhor Vitor Paulo e Amigos
Raimundo Andrade/ Instituto Cultural Artetude
Russilvânia Gallo/ Pedagoga
Sérgio de Assis/ Cia. de Reis Família Assis
Valdir Vitor Ferreira/ Cia. de Reis Sagrada Família
Verlani Dominguete/ Cia. de Reis Lenço Preto
Vitor Lúcio da Silva/ Cia. de Reis Imaculada Mãe dos Anjos.

Foto: Thiago Bode

AGRADECIMENTOS

Este libreto é resultado de um esforço cooperativo e interativo. Agradecemos a todas as Companhias de Reis de Varginha, pela boa vontade, simpatia com que nos receberam e por dividir conosco suas histórias e saberes.

A todos os embaixadores das Companhias que nos auxiliaram ao longo de todo o processo.

Ao fotógrafo Thiago Bode pela gentileza e por retratar momentos tão singelos do cortejo das Companhias de Reis de Varginha.

Ao Museu Municipal de Varginha, à Casa da Cultura de Varginha, ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha, ao Conselho Municipal de Incentivo à Cultura e ao Instituto Cultural Artetude, que de diferentes formas, têm interagido com nossa equipe de pesquisa.

Somos gratos também à Fundação Cultural do Município de Varginha e sua equipe que incentivou e viabilizou a publicação deste libreto.

Foto: Thiago Bode

Foto: Thiago Bode

JORNADA MINEIRA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Realização:

GOVERNO DA CIDADE DE Varginha
Comprometido do trabalho pela nossa gente

Promoção:

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA
Unidade de execução da política de patrimônio

Execução:

CODEPAC
Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha

Iniciativa:

IEPHA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Recursos:

FUMPAC
FUNDO MUNICIPAL DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA